

Ademir Pascale
organizador
VOL. III



Contos e Poemas
Natalinos

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-00-89724-1

2023

Patrocínio:

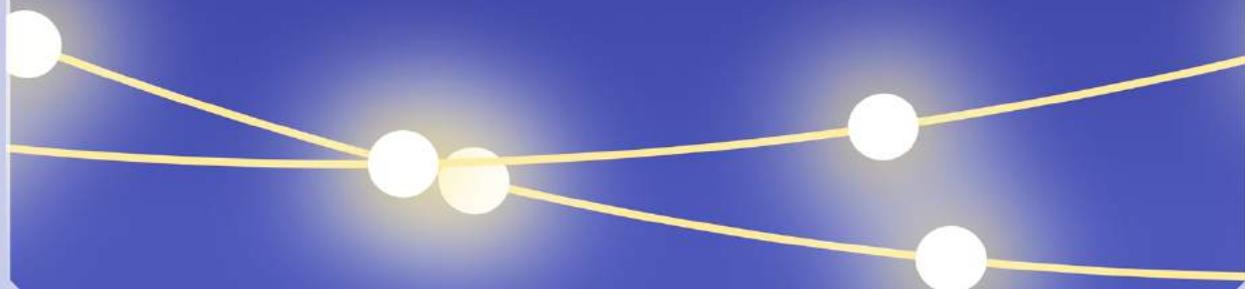
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- NATAL, POR CLARICE ZUFFO, PÁG. 05
UM CONTO DE NATAL, POR DANIELA ONNIS, PÁG. 07
AUTO DE NATAL MINEIRO, POR DÉCIO ARAÚJO FILHO, PÁG. 08
MAGIA DO NATAL, POR GERENILDA NOGUEIRA, PÁG. 15
UM GESTO SIMPLES DE AMOR, POR JACQUELINE QUINHÕES DA LUZ, PÁG. 18
ENTÃO É NATAL, POR LUCIANA FERREIRA DA SILVA, PÁG. 23
O TILINTAR DO SINO, POR LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE, PÁG. 28
O APERTO DE MÃO, POR LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE, PÁG. 30
NESSA NOITE, POR LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE, PÁG. 35
HOJE NASCEU O MENINO, POR LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE, PÁG. 38
O SILÊNCIO DOS PEQUENINOS, POR MARISTELA, PÁG. 40
NATAL, POR MEIRE MARION, PÁG. 43
PROFECIA, POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA, PÁG. 45
O NATAL DO MENINO ESCRAVO, POR RAIMUNDO CÉSAR DE OLIVEIRA MATTOS, PÁG. 47
TUDO O QUE IMPORTAVA, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 54
LUZ DE NATAL, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 60
BOAS FESTAS!, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 63
NATAL SEM BRILHO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 66
ERA UMA VEZ UMA ESTRELA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 68
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 71

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD





CONTOS E POEMAS NATALINOS

VOL. III

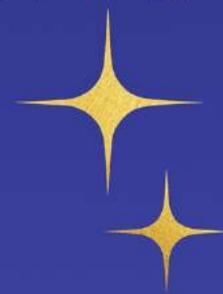




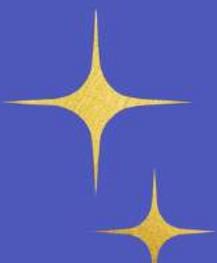
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Natal

Por Clarice Zuffo



Clarice Freire Zuffo, 34 anos, natural de Caarapó- MS, se formou na Escola Estadual Dona Rosa Frigger Piovezan, cursou Letras-Português na Faculdade Educacional da Lapa (FAEL), cursou Artes Visuais no Centro Universitário Claretiano e Pós-graduada em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa e Sociologia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI) e em Ensino de Artes - Técnicas e Procedimentos pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI).



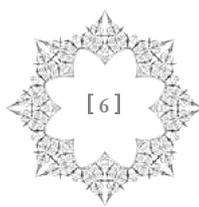
No Natal, a estrela brilha no céu,
Anunciando um tempo de amor e mel.
A esperança se acende nos corações,
Unindo todos em belas canções.

Nas ruas, luzes cintilam a brilhar,
A cidade se enfeita, a festa está no ar.
As famílias se abraçam, sorrisos no olhar,
É tempo de unir, de amar e de dar.

Na mesa farta, o aroma a nos envolver,
O calor humano, o afeto a florescer.
Presentes trocados, gestos de gratidão,
É o Natal, celebração de comunhão.

E no presépio, o Menino a nos lembrar,
Do amor divino, do humilde começar.
Ele veio ao mundo, mensagem de paz,
Para guiar nossos passos, nos mostrar a direção que traz.

Que o espírito do Natal nos inspire sempre,
A sermos mais bondosos, a amar de forma ardente.
Que a alegria e a paz, nos acompanhem a cada dia,
E que o amor seja a luz que nos guia.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Um Conto de Natal

Por Daniela Onnis

Daniela Onnis, nascida em Salvador, Bahia, é apaixonada por livros desde a infância e começou a escrever poesias aos doze anos. A inclinação para o teatro apareceu na mesma época. Apesar de formada em Computação, tem na arte seu propósito de vida. Participou de vários espetáculos como atriz e em 2020 publicou seu livro de poemas pela Amazon, Brincando de Rimar.

Foi selecionada para outras publicações em 2023 e criou um canal no whatsapp para divulgação da arte:
<https://whatsapp.com/channel/0029Va5TjYjKGGGA1K6S2x17>.

Zezinho tinha 6 anos e aguardava ansiosamente pela manhã de Natal. Tinha sido muito claro em sua cartinha para Papai Noel: "Quero ganhar um irmãozinho!".

Seus primos, todos maiores, riram do seu pedido e ainda disseram que Papai Noel não existia. Mas o menino tinha a plena certeza de que o Bom Velhinho existia, sim, e traria o tão sonhado presente. Já se imaginava correndo pela casa com o irmão, jogando bola com ele, brincando de esconde-esconde... Era tão ruim ser sozinho...

Quando o dia tão especial finalmente chegou, Zezinho não conseguiu conter a decepção ao ver a bicicleta nova ao lado da árvore de Natal. Será que Papai Noel não tinha entendido? Ou será que seus primos estavam com a razão?

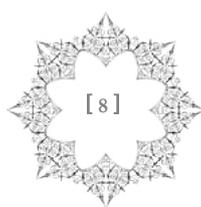
Muito triste, Zezinho pegou a bicicleta para dar uma volta no jardim. Ao abrir a porta, deu de cara com um menininho menor que ele, que usava sapatos furados e roupas sujas e rasgadas.

"Estou com fome.", disse o pequenino. "Você pode me dar um pedaço de pão?"

Com os olhos brilhando de felicidade, Zezinho correu até a cozinha, onde sua mãe preparava o almoço.

"Papai Noel acabou de mandar meu presente, Mamãe! Mas ele está com fome e quer um sanduíche. Enquanto você prepara, vou ensiná-lo a andar de bicicleta, certo?"

E saiu correndo alegremente, pensando em como os primos eram bobos...





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Auto de Natal mineiro

Por Décio Araújo Filho

Décio Araújo Filho, poeta e escritor de Santa Luzia, MG. Autor das antologias: "Emborná di puisia", "Balaio de versos" e "Poemas de cada esquina". Integra a "Antologia 1001 Poetas Contemporâneos", da Casa Brasileira de Livros; é vencedor do 2º Concurso Emídio de Souza, cat. "Poesia Adulta", da Prefeitura de Itanhaém; destaque do "Festival de poemas contemporâneos" 2023; participa de diversas antologias da Revista Conexão Literária; finalista do 33º Festival de Poesias de Cerquilho; jurado na Noite Literária do 38º FESTIVALE.

Vosmicê tá vêno hôji um presepe originá,
Qui fiz c'o amô, módi nuns'quecê do Natá.

Nós juntêmo os causo di c'umo nasceu Jesus,
Quando vêio pr'essa terra, nos lumiá c'a sua luz.

Vô intonce tentá contá, nessas trova di sertanejo
Os aconticido co'ele, do jeitin qu'eu vejo.

Intonce Deus s'apercebeu, qui praqui podia mandá
O seu fío bem amado, módi o amô insiná.

Havera di descobrí no meio da confusão,
Uma mãezinha pr'ele, moça di bão coração.

Ansim, mandou para cá um anjo, o Gabrié,
Qu'incontrô uma mocinha lá pras banda di Nazaré.

Por essa órdi ele veio e c'umo a clara luz do dia,
Apareceu para a tal moça, qui si chamava Maria.

Falô intênce pra iscuída, qui dela viria nascê
O Missias divino na Terra, no corpim d'um bebê.

Maria ansim c'um seu jeitim di pureza e di bondade,
Mêmo sem conhecê hômi, acatô embuchá, é verdade.

Cá tá a serva do Sinhô, falô ela pru Gabrié,
Farei tudo qui Deus mandá, tudim qui Ele quisé.

E ansim si'assucedeu c'umo aquele anjo dizia,
Uma luz baixô do árto inté o ventre di Maria.

E os dia fôro passâno, um dispôis di cada quá,
No ventre o minino criscia,bêim bunito, sem iguá.

Mas a moça era noiva d'um cabra pur nômi José,
Qui disconfiô do fuxico, dito pela virge di Nazaré.

Deistante mandô Gabrié cunversá num sonho seu,
Pra convencê o tar José, qu'intão si'arrependeu.

Pra protegê sua noiva e aquele bebê tômém,
Aceitô a ideia e cascô fora pra Belém.

Nos tempo di um censo, que contava os povo dali,
Dintirim demandáru pras terra do Rei Davi.

Êita viagi custosa im riba d'um burrinho,
Lá se ia montada Maria, no seu ventre, o filhinho.

Nas noites drumia no chão, quantas num sei não sinhô,
Só sei qu'ela tava cansada quando Belém arcançô.

Batêro ni todas as casa pra mode pidí abrigo,
E o povo corria co'eles, que nêim corre c'os mendigo.

Todas porta se fecháru pra'quele pedido seu,
O povo com tanta disfeita, nêim um pão ofereceu.

Partiru ansim pras campina percurando à revelia,
Pra dispois de muintio tempo, incontrá uma estrebaria.

José ponhô um pano véio num canto daquele lugá,
Por riba de uns capim, módi Maria deitá.

Ansim, pois, naquela noite di luá iguá do sertão
No meio das bicharada, nasceu infim a Salvação.

O minino tinha missão d'insiná toda verdade,
Deixâno seus exemplo pr'essa tar de humanidade.

Muintios bicho encarangado nos canto da estrebaria,
Fugino de tanta friagi e tômém da ventania.

De relanceio vi uns tanto, será que vô mi'alembirá?
Vaca, boi, carnêros, galo, um burro, inté gato angorá.

Os animá di tão contente mostráva as emoção
Banav'os rabo, piava, inté rolava no chão.

O burro relinchô, o boi certa hora mugiu
O galo cocoricô e o minino por fim sorriu.

O mundo intêro parô pra modi o infante sardá,
Inté estrela no céu quietô, im riba daquele lugá.

Qui'strela mais qui formosa, bunita ansim nunca eu vi
Quem dera, d'ôtra passada ela num pare por aqui?

Moço! A festança num cabô, muintia cois'inda surgiu
Uns anjo surgiro nos céu, c'umo ansim nunca se viu.

Glória a Deus nas altura cantáru's anjo Seu nômi,
Paz aqui sobre essa terra, boa vontade c'os hômi.

Adipois di'scuitá os anjo, lá nos campo ao luá,
Os pastô fôro s'imbora módi a criança incontrá.

Num s'isquece do Natá, num vai cabá a festança
Intõnce c'o presépe, nóis mantém ess'isperança.

A lua dispejô sua luz intêra na humanidade,
Sardâno o minino Rei, soberano da humildade.

Por falá em soberano num haverá d'isquécê,
Dos três de bêim longe que visitár'u bebê.

Diante a istrela guia, c'umo sol feito diamante,
Seguirum aquele luzeiro inté achá o infante.

Um dos tais Baltazá, siguido de Gaspá e Melquió,
Er'uns cabra esquisito e cabuloso de fazê dó.

Um era amarelo, us'óio puxado, d'oriente er'intão,
Trôxe o incenso qui ardia nus artá di'adoração.

O ôtro era branquelo parecia inté assombração,
C'umas qui nus assusta cá nas noite do sertão.

Esse trôxe pr'o minino um mimo feitio d'ôro,
Ma'stuciava co'ele mêmo qui'u infante eru tisôro.

O tercêro forte i negro, trôxe mirra di presente,
Pro fío di Deus nascido, pr'ele num ficá duente.

Difronte do Rei di Amô na manjedôra deitado,
Os mago ponhárus regalo, adispôis ficáru calado.

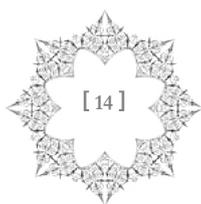
Deixo aqui est'isforço regado co'a mió emoção,
Qui divagarim brotô, nus cantêro do meu coração.

Módi fica a tenção pra si'alembra d'esses dia,
Num esquecêno nunca mais, de Jesus, José e Maria.

Convid'ocês mais toda gente, co'a alegria e fervô,
Vivê o Natá bêim contente, no incânto du seu amô.

Dês jeito todos dia, inté tômém os sigundo,
Da sua vida vão gerá paz i luz pr'este mundo.

Pra cabá eu gradêço, mas num vô dizê amém,
Vô falá só inté logo, inté o ano qui vêim.



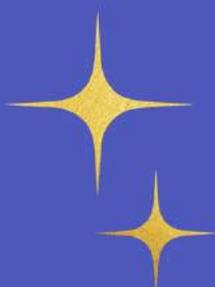


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Magia do Natal

Por Gerenilda Nogueira

Gerenilda Rodrigues, tem 46 anos, nasceu em Curitiba/PR no dia 06 de julho de 1977. É filha do senhor Gabriel de Deus Correa e da Senhora Nogueira Correa. Se formou na Escola Djalma Carneiro da Rocha, cursou Letras na Universidade Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI), formando-se em 2021. Pós Graduada em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa e Sociologia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI).



No silêncio da noite, brilha uma estrela,
Anunciando o amor numa doce espera.
É Natal, tempo de encanto e magia,
Onde a fé e a esperança se fazem companhia.

E na manjedoura, um símbolo de amor,
O menino nasce, trazendo o Senhor.
É a mensagem divina, a luz a brilhar,
Na magia do Natal, a nos iluminar.

No Natal, a magia se espalha no ar,
Brilho nos olhos, sorrisos a encantar.
É tempo de luz, de paz e harmonia,
O amor se manifesta em plena sinfonia.

As ruas se vestem num manto de luz,
Enquanto risos ecoam, um canto seduz.
É a época onde sonhos ganham asas,
E a solidariedade une todas as raças.

Nas mesas fartas, aromas a dançar,
Famílias reunidas, juntas a brindar.
É a celebração, momento especial,
Que une a todos num laço fraternal.

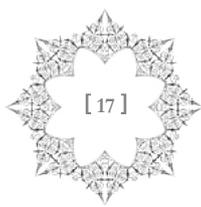
É tempo de abraços, sorrisos e perdão,
De semear a bondade em cada ação.
Que o espírito do Natal esteja presente,
E o amor nos guie eternamente.

Que a harmonia do Natal se faça presente,
Unindo os corações num laço reluzente.

E que o espírito de fraternidade e bondade
Permaneça conosco em toda a eternidade.

Que a estrela que brilha no céu tão alto,
Ilumine caminhos, traga paz de fato.
Feliz Natal para todos, em harmonia,
Que reine a alegria em cada dia.

Que essa magia nos inspire a cada alvorecer,
E que o Natal seja sempre motivo pra viver.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Um gesto simples de amor

Por Jacqueline Quinhões da Luz

Jacqueline Quinhões da Luz, autora graduada em Letras e Pedagogia e Pós-Graduada em Neuropsicopedagogia e Psicomotricidade. Se dedica a literatura Infanto Juvenil participando de Antologias e recentemente com o lançamento do livro solo intitulado "O Mistério da Casa ao Lado". Tem como meta estimular o gosto pela leitura e escrita, despertando em cada criança o prazer e satisfação que uma história é capaz de oferecer.

Com a chegada das tecnologias na vida das pessoas, alguns antigos hábitos foram perdendo espaço, um deles é o hábito de escrever cartões de Natal e enviá-los pelo correio desejando coisas boas para pessoas queridas.

Eram momentos de união, trabalho em família. Vovó vinha com sua listinha de amigos, parentes e até quem tinha acabado de conhecer e pedia que escrevessem os envelopes. Vovô, trazia os selos e o tubo de cola enquanto mensagens lindas de amor e carinho eram registradas nos cartões, sempre escolhidos de acordo com quem iria recebê-los. Bons tempos. Receber um cartão era motivo de alegria e emoção. Ser lembrado e se sentir querido era sem dúvida uma grande satisfação.

Tinham cartões musicais, quando abertos tocavam uma canção de Natal como fundo musical enquanto era lido. Eu amava ficar abrindo esses só para ouvir a música e vovó brigava pois tinha receio de acabar a bateria e quando chegasse ao seu destino não tocasse mais.

Certa vez, enquanto escrevia os envelopes, fiquei pensando: “Como deve ser triste não receber nenhum cartão! Que sensação de abandono deve bater, então tive uma ideia, e se para cada cartão recebido as pessoas escrevessem três cartões, mesmo que não tivessem contato com as pessoas, pois afinal não é necessário conviver para desejar o bem ao próximo! Se não tivessem o endereço, era só colocar na caixinha do correio da casa. Vovó, achou a ideia genial e deu um nome a isso, chamaria de “gesto simples”, pois desejar o bem ao próximo é sem dúvida alguma um gesto simples de amor. E demos início a ideia. Os cartões que vovó enviou, já saíram com essa orientação logo após a linda mensagem, convidava a todos a embarcarem nessa grande aventura de Natal.

Aos poucos vinham notícias de pessoas que recebiam os cartões e fazia um bem enorme, tanto para quem os enviava quanto para quem os recebia.

Quando foi a padaria, Carol pode presenciar um desses momentos. Seu Manoel, um senhor muito solitário que atendia no caixa da padaria, tinha recebido um cartão, que não trazia o remetente, mas uma linda mensagem a qual ele decidiu colocar em um cartaz bem ao lado do caixa o seu agradecimento e reforçou que seguiria atentamente as orientações da corrente de gesto simples. Carol e sua vó se olharam felizes, a ideia estava dando certo, Seu Manoel estava muito feliz.

Para elas Natal era isso, partilha de sentimentos, de emoções e aquele gesto simples estava levando as pessoas a despertarem dentro de si o sentimento de partilha. E aos poucos o bairro se inundou de gestos simples, já se via no rosto das pessoas a leveza que a época de Natal trazia. Esse Natal prometia ser mais feliz que os outros. Foi engraçado ver pela janela outro dia a dona Maria ir escondidinha deixar um cartão na caixa de correio da dona Ana, uma senhorinha que quase nunca falava com ninguém. Dela só se sabia ser uma moradora antiga da rua, viúva bem cedo e não tinha tido filhos. Naquele momento pensei como iria se sentir ao receber o cartão de dona Maria.

No dia seguinte, Carol estava saindo de casa e viu quando outra vizinha estava colocando mais um cartão na caixa de correio da dona Ana. Fez que nada tinha visto, mas ficou ainda mais feliz, a vizinha receberia dois cartões e isso lhe daria dois motivos para se sentir querida. Passou a observar mais a casa da vizinha, queria ver quando ela abrisse a caixa de correio, mas ela entrava e saía sem se quer olhar a caixinha. Talvez não estivesse acostumada a receber cartas, não via motivos para conferir. Isso chamou atenção de Carol que na primeira oportunidade em que encontrou com a vizinha abriu-lhe um sorriso e lhe cumprimentou:

— Bom dia dona Ana! Lindo dia não é mesmo?

Como resposta só lhe veio um olhar e notou que uma profunda tristeza habitava o coração daquela senhora, como dizia sua vó: “Os olhos são a janela da alma”. Quanta tristeza caberia dentro de um ser? Ninguém devia ficar triste na época do Natal. Contou a sua vó o ocorrido. O que poderia ser feito? Se ao menos ela tivesse recebido os cartões, quem sabe se sentiria um pouco melhor.

Resolveram escrever cartões e colocar na caixinha de correio de dona Ana também. Se dois poderiam lhe fazer sentir-se mais querida, então lhe dariam mais motivos. Mas tinham que pensar em algo mais. As casas da rua já estavam decoradas para o Natal, menos a de dona Ana. Parecia que o Natal não era bem-vindo ali. A vó de Carol teve então uma ideia. Esperariam dona Ana sair e colocariam na porta da casa dela uma guirlanda com um bilhetinho e ficaram aguardando o retorno da solitária vizinha, mas a reação da mesma não foi a esperada. Dona Ana retirou a guirlanda da porta e a colocou no lixo. Essa atitude chocou Carol e sua vó que estavam observando de longe. Mas ao invés de se sentirem magoadas, sentiam ainda mais vontade de ajudar. Que motivo a teria levado a odiar o Natal? Pouco sabiam, mas Carol iria descobrir. Pensou em perguntar a dona Maria,

que havia colocado o primeiro cartão, não precisavam dizer terem visto, apenas perguntariam sobre a vizinha assim como quem não quer nada.

Dona Maria nada sabia, mas se mostrou interessada em ajudar a vizinha. A vó então lhe contou sobre a ideia da guirlanda que não foi bem-sucedida e decidiram pensar em outra forma de ajudar.

Enquanto isso, nem perceberam o quão longe a ideia dos gestos simples estava indo. Em pouco tempo pareciam surgir cartões natalinos sem remetentes por toda parte e só notaram isso quando viram na TV em um jornal cuja matéria falava sobre o Natal. Diziam que a cidade estava recebendo uma chuva de cartões de Natal misteriosos, sem remetente, mas com lindas mensagens. Eram os cartões do gesto simples ganhando um espaço no jornal local e isso encheu Carol e sua vó de orgulho. No noticiário deixaram no ar a pergunta: “Quem teria dado início a essa grande corrente de cartões?” Essa pergunta trouxe para vó e neta uma certa alegria, mas ainda tinham uma preocupação. Dona Ana e sua rejeição pelo Natal.

Carol lembrou que uma segunda vizinha havia colocado um cartão na caixinha de dona Ana. Dessa vez quem iria perguntar seria dona Maria, que foi e conseguiu algumas informações, soube que dona Ana tinha tido muitas tristezas, todas na época do Natal. Tinha ficado grávida, porém perdeu o bebê na véspera de Natal e se isso não bastasse seu esposo tinha falecido no dia de Natal. Realmente, dona Ana tinha motivos para querer fugir do Natal e das lembranças que ele trazia.

Carol continuou a observar a vizinha solitária e notou que outros vizinhos também se preocupavam com ela e foram deixando cartões em sua caixinha e dois dias antes do Natal, viu quando dona Ana pegou um cesto que tinha sido colocado em sua porta. Nele parecia ter algo coberto e um cartão. Carol achou que colocaria no lixo, como fez com a Guirlanda, mas ao contrário, quando abriu o cartão e tocou uma música, viu cair dos olhos de dona Ana lágrimas e ela levou para dentro. E os cartões não paravam de serem colocados na caixinha de dona Ana. Até que na véspera do Natal, o carteiro não conseguindo colocar mais nenhum na caixinha por estar cheia, tocou a campainha entregando um envelope em mãos e lhe pedindo para que olhasse sua caixa. Dona Ana então pegou a chave e foi ver, qual não foi a surpresa quando dezenas de cartões caíram sobre ela que ficou assustada, mas em seguida um sorriso tímido tomou conta de seu rosto. Rapidamente juntou os cartões e entrou, provavelmente iria ler todos.

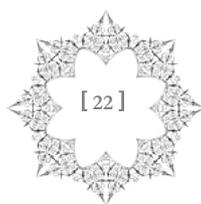
Alguém tinha ido além dos cartões e dado a dona Ana algo que ela parecia ter gostado, a canção que tocou do cartão devia ser especial, foi capaz de libertar sentimentos a muito represados pela dor.

No dia seguinte, ao abrir a janela, viu na porta da casa de dona Ana a guirlanda que haviam dado. Vizinhos conversando na calçada, falavam sobre terem recebido um cartãozinho escrito GRATIDÃO, então passou por eles dona Ana, levando no colo um cãozinho com laço vermelho no pescoço e com sorriso lhes disse:

— Bom dia! Está um lindo dia hoje não?

— Sim, hoje está um lindo e perfeito dia. Respondeu Carol.

A chegada do cãozinho foi o algo a mais de que precisava. Trouxe-lhe vida em uma época marcada pela dor, tinha renascido. Aquele gesto simples planejado por Carol e sua vó foi suficiente para que acontecesse um milagre de Natal. Carol havia subestimado o poder de um gesto simples de amor.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Então é Natal

Por Luciana Ferreira da Silva

Luciana Ferreira da Silva é vegana e mineira. Docente na Unifesp – Campus São José dos Campos. É graduada em Ciências Sociais pela Unesp; mestre em Política Científica e Tecnológica pela Unicamp; doutora em Educação pela USP. Para mais informações e contato: lucianaferreiradasilva.com e/ou [@profalucianaferreira](https://www.instagram.com/profalucianaferreira)

Lina terminara a maratona do mês de dezembro rumo as comemorações natalinas. Cada um dos amigos e parentes ganharia sua lembrancinha, sob a garantia das lojas chinesas de 1,99 reais. A ceia daquele ano seria na casa da tia Iracy. O calor era algo sem precedentes, mas, não derretia os enfeites brasileiros repletos de “neves”. Lina só pensava na dificuldade do pai em ser o Papai Noel do ano. Cogitou comprar uma bermuda vermelha e ousar no figurino, mas, ele não aceitou. As tias, tios e avós se encontraram desde cedo para preparar a comilança. Tio Alberto venerava, pelo vigésimo oitavo ano, seu conjunto de taças de cristal apenas utilizado, sob ritual, nas ceias natalinas. Lina deixou sua contribuição gastronômica vegana na casa de tia Iracy — seu recorrente sinal de protesto pela causa animal. Seguiu até o centro da cidade para acompanhar a atuação de uma amiga. Essa era atriz e todo ano, na véspera de Natal, fazia seu protesto contra o consumismo. Naquele ano ela vestiu roupas rasgadas e, de pé descalço, empunhava um varal de calcinhas. Nele pendurou vários recortes de desenhos que fez. Ela jurava ter desenhado o menino Jesus, mas, não parecia. Andando pelo escaldante centro da cidade, na verdade, em pulos para não queimar as solas dos pés, esgoelava em altivez cênica: “menino Jesus, menino Jesus! Quem quer comprar Jesus? Jesus! Jesus! Quem quer comprar Jesus? Jesus, por 1,99, quem quer comprar?” A amiga conseguia ser mais ouvida do que a repetição infinita da música “Então é Natal”, tocada em diversas lojas! As reações a sua atuação eram as mais diversas possíveis. Algumas pessoas se espantavam, outras se escandalizavam, resmungavam, riam, intimidavam, não entendiam, refletiam, entristeciam, indignavam. A amiga terminou sua atuação demonstrando um largo sorriso de realização e satisfação — de missão cumprida. Para ela, a crítica ao consumismo e a transformação de Jesus Cristo em mercadoria foi exitosa. Agradeceu Lina por prestigiar o feito e seguiu para a casa dos pais onde comemoraria o Natal em família. Lina riu muito da situação, achava a amiga ousada e corajosa. Se despediram em abraço longo e desejos de feliz natal. Cada uma foi para sua casa. Mas, somente Lina com a música “Então é Natal” ressoando, incessantemente, em sua cabeça. Ela não encontrara antídoto para deixar de cantarolar — parecia uma maldição! Resolveu lidar com bom humor e tentar passar o mesmo problema para outras pessoas. E assim, conseguia. De tanto cantarolar a parte: “Então é Natal e Ano Novo também”, várias pessoas ficaram em repetição sem controle. No final da tarde da véspera natalina, Lina (ainda cantarolando) e seus pais se dirigiram para a casa da tia Iracy. Os parentes de outras cidades chegaram. A alegria entre

os primos era contagiante e as risadas sobressaíam. O tio Joaquim, vez ou outra, desaparecia. Em cada reaparição surgia mais alegre e cambaleante. Os primos notaram que uma das garrafas de vinho perdia conteúdo em cada sumiço dele. A maioria dos tios resolveu ir à missa de Natal com os avós e pais. Voltaram dizendo que tio Joaquim não parava de dizer amém e rir. O pai de Lina, enrolava o máximo possível para colocar a indumentária de Papai Noel. Ele não estava suportando o calor, mesmo com roupas leves, quiçá de modelito do polo norte. A priminha mais nova, Dudinha, esperava ansiosamente pelo Papai Noel. Era fofo o encanto de seu esperar.

O Papai Noel, ao tentar pular a janela, estabrou-se ao chão e rasgou a calça natalina. Apressou o levantar e correu para um dos quartos. Ao ver um pano todo colorido, amarrou na cintura e sentiu o contratempo resolvido. Adentrou à sala bradando: Ho, ho, ho! Tio Joaquim continuava em risos cambaleantes. Dudinha, encantada, contrastava com os primos se contorcendo em risadas e no que chamaram de “abafa o caso ou abafa o bafo”. O Papai Noel não percebera que estava envolto em manto sagrado da comunidade LGBTQIA+. Viva a diversidade! Afinal, Natal é família, amor e acolhimento. Os presentes foram distribuídos acompanhados de muitas gargalhadas. Lina achava fascinante como seu pai, um homem tão sério, se transformava em comediante nas reuniões familiares. Para a priminha Dudinha a magia natalina fora mantida! Para o restante dos familiares, fotos garantidas para os “memes”, que certamente seriam disparados nos grupos da família por longos dias, talvez meses.

A família se dividiu em grupos: para arrumar a mesa e organizar a ceia; para distribuir doações aos mais necessitados; para cuidar da priminha Dudinha e dos bebês; para colocar e zelar o sono embriagado do tio Joaquim; para organizar oração natalina. Ninguém percebeu que alguns dos jovens primos não estavam em grupo algum. Na verdade, eles criaram um para eles e sigiloso. O grupo de fugitivos que iriam para uma reunião com amigo, dono de uma adega. E se foram. Os cinco primos teriam apenas uma hora e meia para se ausentarem de casa antes da ceia natalina iniciar. Ai deles se sumissem!

Todos reunidos para a ceia após a emocionante oração feita pela tia Iracy. Ela conseguiu levar alguns tios às lágrimas. Lina, em sua serenidade, apenas captava as diversas energias e se divertia observando, amorosamente, a todos — ela não era muito de se comover. Mas, achou bonito. Lina percebeu que, dos cinco primos do grupo fugitivo,

quatro estavam a postos. Sim, estavam postados, com olhos vidrados, um tanto estranhos, mas, lá estavam. Ela chegou para um deles e perguntou: “Como conseguiram ficar bêbados, sendo que nada alcoólico foi servido?” O primo respondeu, com olhos vidrados e sorriso flutuante: “aqui não foi servido. Aqui não, né, prima!” Lina não sabia se ria ou se preocupava, talvez tenha feito os dois e outros mais movimentos emocionais. Sentiram, então, a falta de um deles — o Nico. Onde estaria o Nico?

A hora ritualística e tão esperada pelo tio Alberto chegara. Era, enfim, a hora do brinde natalino para o início da ceia. Enfim, a família provaria os vinhos em suas preciosas taças. As taças foram, meticulosamente, organizadas e dispostas para o ritual aguardado, ansiosamente, por ele.

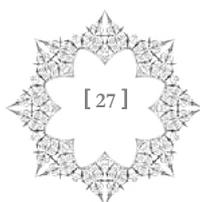
Lina e os quatro primos mantinham a dúvida amarga na cabeça: onde está o Nico? Por certo, as cabeças dos primos estavam conturbadas pelo efeito da escapadela, mas, conseguiam raciocinar, minimamente e, até mesmo, tentar disfarçar, mesmo que em vão. Outro dos primos afirmou taxativamente à Lina: “Nico voltou comigo, certeza!”

Tio Alberto, proclamou que iniciaria o brinde e chamou, dizendo bem alto: “Família, venham!” E eis que surge o primeiro familiar: Nico, direto dos arbustos do jardim! Ele vem tal qual um trenó desgovernado. Alegre imitava um trenó movido a puro e muito álcool! De forma nem um pouco suave, estacionou sob a mesa arrumada por tio Alberto. Diversas taças caíram ao chão sob a perplexidade de tio Alberto; os risos dos demais primos; a reação pasmada de Lina e a correria dos demais, na tentativa de evitar salvar o brinde e o primo Nico.

Tio Alberto conseguiu salvar a taça que empunhava sob estado de choque. A confusão foi generalizada. Nico não entendia o ocorrido. A maioria pensava que Nico estava molhado com champanhe, mas, foi puro vazamento de álcool do escapamento de seu pseudo trenó.

E, em mais uma memorável noite de Natal em família, Lina colocou a música “Então é Natal” em alto som. Os primos foram, em gargalhadas, banhar Nico. Os demais tios tentavam consolar tio Alberto que ficou em silêncio, tomando vinho, com sua taça de cristal em proteção. A família brindou em copos de requeijão reutilizados em misto de risos, desatinos, incredulidade e resignação.

Para Lina, mais um “Então é Natal” se completou, afinal, nada mais familiar e abrazeirado do que um caos, uns bebuns aprontando em meio a orações, comilanças e família reunida, em toda sua divergência e diferença. Alternava em olhares para a vizinhança e para dentro da casa da tia Iracy. Emanou boas vibrações para todas famílias, para os animais de estimação, para o país e, por certo, para sua família. Sorria com a música natalina em sua mente. Apesar de qualquer situação, levava a certeza que o estar junto seria mantido por gerações, sem as históricas taças de cristal do tio Alberto. E, certamente, tudo viraria conto.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O tilintar do sino

Por Luciana Simon de Paula Leite

Exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado Para nossas meninas, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.

Na árvore artificial de folhas verdes de polietileno,
seus olhinhos buscam formas, brilho, nuances.
Sorri de modo embevecido para o Papai Noel,
círculo redondo de feltro bicolor, barbudo.
Tão somente te assistir assim,
nesse gestual limitado à visão,
apenas imaginar o que vai na tua mente.
E após alguns segundos mudo,
estatelado teu olhar de surpresa,
grande revelação não adivinhada por mim,
surge o sorriso rasgado, sem dentes, gengival.
E lindo, meu filho.
Mas como descrever tua reação,
entre maravilhado e temeroso,
ao notar sob laços, o sino,
dourado e convidativo?
Deixo-te tocá-lo e descobres,
Meio por milagre,
o tilintar inusitado.
E ao ver-te de novo sorrir,
desejo apenas capturar o instante.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O aperto de mão

Por Luciana Simon de Paula Leite

Exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado Para nossas meninas, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.

Surpreendente que o final do ano já se anunciasse. Tantos projetos e ilusões no Ano Novo, frustradas expectativas quanto a maior parte deles, Antonio Carlos se sentia angustiado ao pensar na alegria que teria de forjar do âmago de seu ser para que os filhos, que iriam passar o Natal consigo, não percebessem seu enorme desânimo. Estava divorciado há dois anos, após um casamento de quinze anos. Possuía três filhos: Izabel, de doze anos, Maria Antonia, de nove e Pedro Henrique, que havia completado seis anos no final de setembro.

A ruptura com Catarina, sua ex-esposa, deu-se de modo natural e pacífico. Bem sabia, essa era uma exceção. Não brigaram, não se desrespeitaram e ainda possuíam carinho fraterno reciprocamente. Apenas deixaram de se querer com maior intensidade, acomodando-se tão somente nos papéis parentais. Já não conversavam sobre suas respectivas rotinas, seus desejos, tampouco faziam questão de sair juntos. O silêncio e o tédio que se instalaram foram quase insuportáveis para ambos. Não deixou de admirar a mãe de seus filhos, nem tampouco ela, ao menos conforme alardeava, pensava de modo diferente em relação a Antonio Carlos. Apenas passaram a conviver educadamente sob distanciamento estratégico, como se compartilhassem, além dos filhos, a própria casa, vizinhos civilizados que eram.

Considerava-se um bom pai, sem falsa modéstia na convicção. Foi criado pela avó materna e seu genitor, apesar de haver reconhecido o vínculo de filiação no assento de nascimento, deixou de vê-lo desde que Antonio Carlos completara dois anos de vida. O jovem casal formado por seus progenitores desentendeu-se gravemente porque a mãe descobrira que o seu pai, cujo nome era Joaquim Afonso de Souza, tinha na verdade uma outra família, com diversos filhos maiores. Apenas esqueceu-se de contar esse pequenino detalhe.

Escândalo, os avós maternos de Antonio Carlos ficaram indignados e o homem que devia acompanhar seus dias enquanto crescia, simplesmente deu de ombros e desapareceu. Sequer contribuiu financeiramente para o sustento do filhinho ou a fim de auxiliar a jovem mãe, que nem mesmo havia feito um curso profissionalizante. Ela virou-se como pôde, trabalhando como manicure em um salão de beleza do bairro em que a família materna residia.

Um menino sozinho — lembrava ele, remoendo as reminiscências. “Eu era muito solitário. Invejava as outras crianças cujos pais compareciam às festividades na escola no dia da família” — recordava-se, melancólico. Talvez inexistissem tantos pais mas era para eles que olhava Antonio Carlos nessas ocasiões. Observava abraços, os sorrisos de aprovação dirigidos aos filhos. Havia um vácuo gigantesco dentro de si que jamais conseguiu preencher em todos esses anos. Como se não merecesse ser amado por seu pai. Uma culpa velada. Algum demérito seu, por certo. E a tristeza o invadia ao se lembrar de seus tempos de criança, confuso e isolado no mundo.

Não havia dúvidas, recebeu muito afeto da mãe, ao menos nas fases em que ela se achava mais organizada psiquicamente pois trabalhava com afinco, fumava em demasia e tentava insistentemente encontrar um companheiro para “formar a própria família”, como dizia. As decepções eram frequentes e a depressão a assolava. Vivia entre o êxtase da esperança de finalmente haver identificado um “bom homem” e a angústia de se ver vítima de uma miragem que ela concorrera para erigir. E o sofrimento foi tão grande que na casa dos trinta anos a mãe de Antonio Carlos faleceu de câncer no pulmão.

Restou ao garoto a companhia da amorosa avó Francisca, que era viúva e sobrevivia com benefício previdenciário. Passou a receber pensão pela morte da mãe e assim, a existência transcorreu satisfatoriamente. Os hábitos da família eram simples e nada lhe faltou quanto ao essencial. Já o coração trancou suas portas contendo os segredos recônditos do abandono, os quais ocultou mais à medida em que se transformou em homem. Desde cedo entendeu que devia aparentar ser mais de forte do que autêntico pois, assim, seria respeitado. E temido.

Acaso não pensava no pai? No homem cujo nome estava em sua certidão de nascimento e jamais o procurou? Inúmeras vezes. Quando chorava ao se recordar da desiludida e frágil mãe, culpava aquele homem sem rosto por tudo o que aconteceu na lamentável vida dela. E principalmente, porque se foi prematuramente. Mas não falava a respeito... para ninguém. Apenas emudecia. Sua avó, quando o via calado, intuía o que lhe ia na alma. Dava um suspiro e dizia que iria passar um café, que era bom para acordar a gente e dar ânimo. Talvez por isso sempre o odor do café lhe pareceu extremamente agradável e consolador.

Estava bem com os filhos, conversava com todos, trocavam carícias, não havia temor reverencial nem falta de consciência de suas diferenças e papéis. Não era um

colega dos filhos, era pai. Mas ainda assim, não deixava de usufruir de momentos bastante especiais com eles, diante das características e preferências de cada um. Aliás isso havia aprendido. Filhos dos mesmos pais que os geraram, exteriorizavam personalidades próprias. A ruptura do convívio conjugal foi uma consequência do desencontro, da perda de intimidade e identificação com Catarina. Algo recíproco, embora sim, triste. A guarda era compartilhada, convivia com frequência com os três filhos, os quais pernoitavam semanalmente em seu apartamento em dias previamente convencionados para adequação da rotina das crianças.

Celular tocando insistentemente. Número desconhecido, exibindo a tela do aparelho dados de chamada local.

— Não vou atender, deve ser telemarketing ou golpe, não aguento mais isso... — pensou consigo mesmo. Mas e se for algo importante? Se for algum número da escola das crianças que porventura haja mudado e o identificador de chamadas não destacou a origem? Melhor ver o que é...

— Alô.

Aquilo era cansativo. Iria desligar na hora se alguma musiquinha começasse a tocar.

— Alô, por gentileza, estou falando com o senhor Antonio Carlos Martins de Souza?

— Sim, isso mesmo, do que se trata por favor?

— Aqui é da Casa de Repouso Nosso Senhor Pai Eterno. Estou ligando para avisar que o seu pai está sob cuidados paliativos e ostenta poucas horas de vida, é imprevisível... seus irmãos me deram seu nome e telefone para avisá-lo que caso queira e possa, seu pai está aguardando para se despedir do senhor...

Silêncio. Um susto. A sensação de um soco gelado na boca do estômago. Pai? O mesmo que esperou por quarenta anos?

— Não sei...você deve ter se confundido... não tenho pai não... como assim?!

— Senhor, não tem erro algum, falaram que o senhor não teve contato com seu pai mas parece que seria o último desejo dele vê-lo. Sou apenas enfermeira, não sei o que aconteceu nem me cabe invadir sua privacidade, mas apenas quero que saiba que o quarto dele é o 24, ele está sob a companhia da família e conectado a aparelhos mas ainda se encontra lúcido. Acaso queira, o endereço está na internet, estamos ao lado do

Hospital Santo Inácio. Obrigada! Som de sinal contínuo no telefone. A suposta enfermeira apenas desligou como se fosse uma máquina, funcional e objetiva.

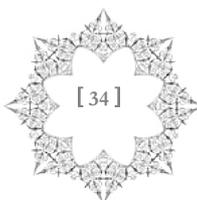
Antonio Carlos foi tomado por um misto de sentimentos contraditórios e avassaladores. Faltavam dez dias para o Natal. Era uma época em que já se sentia macambúzio, revivendo mentalmente os acontecimentos do ano que se findava, perquirindo-se a respeito do que lhe faltava para se considerar, finalmente, feliz. Mas isso? Aquele homem que o abandonou? Cuja omissão, cuja incapacidade de amá-lo o dilaceraram por toda a vida e especialmente, na infância? Como o localizaram? Não, não iria, ele apenas o gerou, não era seu pai, só um estranho. Não merecia sua atenção, seu esforço e sequer que se deslocasse ao centro da cidade, onde se situava o hospital Santo Inácio. Não seria difícil encontrar o endereço da casa de repouso. Mas não tinham o direito de aborrecê-lo com algo dessa natureza, um absurdo!

Ainda que assim pensasse, Antonio Carlos também não pode deixar de verbalizar: ou é agora ou nunca mais! O tal pai estava nas últimas... talvez não tivesse outra chance de desprezá-lo com o olhar e com palavras, quaisquer que fossem as que conseguisse pronunciar, em virtude da morte premente... Melhor ir. Realizou busca pelo nome da casa de repouso e em quinze minutos, via-se na recepção do estabelecimento, identificando-se como o filho do moribundo.

Olhares constrangidos. Ao se abrir a porta branca do quarto, um homem e uma mulher, mais velhos do que ele, com olhos idênticos aos seus, meio assustados o encararam e, mudos, saíram silenciosamente do recinto. Uma senhora chorosa que estava sentada ao lado do paciente, o qual usava máscara de oxigênio e estava ladeado por uma enfermeira, após mirá-lo de soslaio, igualmente se levantou e saiu do quarto. É como se seu rosto fosse sua identidade, não necessitava de apresentações...

Aproximou-se do velho. Calvo, olhos idênticos aos seus, um homem grande, corpulento mas visivelmente abatido pelo estado precário de saúde. Respirava com dificuldade mas o mirava detidamente, aparentando lucidez. Os olhos, antes opacos, concentrando-se no rosto de Antonio Carlos à medida em que ele se aproximava, foram rapidamente ganhando umidade.

E a mão do moribundo se ergueu trêmula e convicta, esboçando a intenção de um aperto de mão, ao que Antonio Carlos correspondeu. Era o perdão possível.

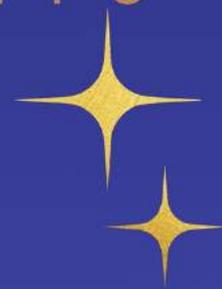




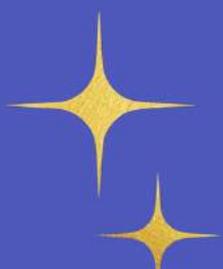
A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Nessa noite

Por Luciana Simon de Paula Leite



Exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado Para nossas meninas, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.



Já fazia um ano que o pai de seu segundo filho havia saído de casa, sem jamais retornar. Viviam um dia de cada vez, com os suprimentos que arranjavam ou a fome que suportavam. Mas ela era plena de esperança e dizia:

— Filho, podem me tirar tudo, menos a fé em dias melhores! Tu vai ver, a gente ainda vai ter uma casinha e comida na mesa duas vezes por dia!

E o tempo passava rápido, entre acordar e sair correndo atrasada para o serviço, faxineira em grande instituição. Panos, produtos químicos, pó, exigências e horários a cumprir. Ufa. Dia que finda, condução lotada, passar na creche, pegar os filhos. Hoje pão amanhecido e recheio com ovo mexido. Vocês deem graças a Deus!

Rotina em reprise, relógio acelerado, não há lugar para sonhos. Mas como uma lunática ou alguém desprovido de qualquer percepção, ela ainda dizia: tudo se arranja, a gente conta com os nossos anjos da guarda, não fazemos mal a ninguém! O importante é ser correto e trabalhador!

Quem a visse assim por certo a acharia ingênua ou uma crente consolidada.

Mas talvez o insuperável fosse não ter fé em Deus ou em ser correto sem labutar para prover o indispensável, essa a dignidade. Ainda que as ausências fossem vultosas.

Dalva, colega de serviço, em pé no ponto de ônibus visualizando temerosa a tela do celular, produto imerso na bolsa entreaberta. Todo cuidado é pouco.

— Boa noite, Dalva, você está indo para casa, né?

— Olá, Juvelina, sim, estou a caminho mas antes vou passar na igreja Nossa Senhora dos Aflitos, estão fazendo uma seleção de produtos que serão doados para as famílias carentes no Natal, é aqui pertinho, quer ir? Basta você mostrar algum documento inclusive das crianças. Carentes de tudo nós somos!

Juvelina caiu na gargalhada. Melhor manter o bom humor.

— Ah, mas que maravilha, vamos sim! Tenho aqui na bolsa cópias das certidões de nascimento dos meninos e da minha carteira de trabalho, além de um documento de identidade. Acho que deve servir, será?

— Ah, qualquer coisa tu leva depois o que faltar, vamos rápido porque tem fila!

Passos rápidos, as duas mulheres reclamavam do elevado custo de vida. Tudo tão caro, valha-me Deus!

Lateral da igreja, fila organizada, senhas distribuídas. Não custa nada tentar. Quem não se arrisca, contínua no prejuízo.

Após uma hora e meia de ruidosa espera, onde os circundantes falaram e se queixaram do futebol à política, Juvelina, mais tranquila por estarem nesse dia os pequenos na casa da vizinha que lhe devia um favor por empréstimo de mantimentos, que não seriam de todo modo devolvidos, tem finalmente sua oportunidade.

Conversa, documento exibido, abandono descrito entre expressões reiteradas de “não, não precisa contar isso, senhora, tudo bem” e vem a cesta de Natal: uma beleza!

Como descrever a emoção daquele momento? Sentiu seu coração acelerar e uma onda de leveza a inundou. Talvez aquilo fosse felicidade: não haveria fome na noite de Natal! Dentre produtos essenciais como macarrão, litro de óleo, farinha e açúcar, veio um panetone e até dois sacos de bolachas doces recheadas, de chocolate, que os pequenos iriam adorar! O dinheiro da faxina semanal pagaria o aluguel dos cômodos, o gás, um frango, leite para as crianças, pão e a mistura.

Noite de Natal, comida quente na mesa, ela se sente abastada na habitação modesta com os filhos pequenos limpos e saciados. O mais novo lhe pergunta:

— Mamãe, Papai Noel vem essa noite?

— Não, filho, mas prometo que amanhã vou procurar aqui nas redondezas esse sujeito e lhe trago um brinquedo. Por hoje, vamos agradecer que Deus nos abençoou, que estamos juntos com saúde e temos o que comer e vestir! Nem todo mundo possui tantas bênçãos! E vamos amanhã guardar um pouco das sobras para dar a alguém que precise aqui na rua pois é isso que nos aproxima de Jesus!

As duas crianças assentiram com meneios de cabeça.

E naquela casa humilde, o espírito de Natal se fez presente.





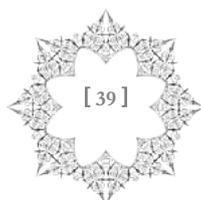
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Hoje nasceu o menino

Por Luciana Simon de Paula Leite

Exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado Para nossas meninas, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.

Não discuto nem duvido,
embora fé não se justifique,
que não sei se hoje ou noutro dia,
nasceu um homem puro.
Sua bondade irradiava,
e as palavras eram sábias,
a doçura a todos albergava,
como se filhos fossem e ele,
embora não passasse de menino,
emanava profundo amor,
sentimento que o agigantava.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O silêncio dos pequeninos

Por Maristela

Maria Estela Bispo nasceu no dia 06 de julho de 1963 em Salgado, Sergipe. Atualmente reside em Natal, Rio Grande do Norte. É Religiosa. Teve seu engajamento religioso nos locais periféricos. Graduada em Psicologia e pós-graduada em Psicopedagogia. Presta atendimento psicológico, especialmente para crianças e adolescentes. Sua mãe, Maria Domingas, apaixonada por literatura de cordel e poesia, incentivou à leitura desde a mais tenra idade. Gostava de ler, assiduamente, livros de contos e fábulas, poesias, entre outros gêneros literários.

Faltavam dois dias para a comemoração do Natal. Do meu escritório olhava as lojas enfeitadas de cores cintilantes anunciando a chegada do Menino Jesus. Os transeuntes, ao transportarem algumas sacolas cheias de presentes, não demonstravam sinais de alegria, mas apenas cansaço. Retornei ao meu trabalho, pois precisava responder algumas mensagens enviadas através do *WhatsApp*, como também organizar todas as minhas papeladas e demais documentos espalhados em cima da escrivaninha. Foi um dia tão árduo que acabei caindo num sono profundo. E sonhei passeando pelas ruas da cidade, à procura de um restaurante. Não tinha pressa, pois estava vislumbrada pela harmonia das luzes e das cores que competiam com os raios reluzentes do pôr-do-sol. Quanta beleza diante dos meus olhos! Eu, a única pessoa a apreciá-la. Mas, de repente tudo desapareceu! Apenas a lua e as estrelas brilhavam imperiosas no céu. O relógio marcava meia noite. Tudo silenciou! Não havia mais ninguém nas ruas. As lojas estavam fechadas; viam-se somente os manequins inertes nas vitrines esperando pelo dia seguinte. Nem sequer havia um restaurante aberto. Então, sentei-me numa calçada e comecei a observar as estrelas. De repente, foram surgindo pessoas de todos os lados em direção aos sacos de lixo ali expostos. Eram crianças, jovens e adultos famintos em busca de alimentos. Suas vozes eram inaudíveis, de um silêncio estarrecedor! Ao fechar os meus olhos diante daquela cena, escutei claramente uma voz que me dizia: *Você se sobrecarrega de tantas coisas e nem sequer percebe o silêncio dos pequeninos? Veja o que sobrou para eles! E a voz continuou: Este silêncio oriundo dos seus corações, é o grito mais alto que se pode ouvir. No silêncio da humanidade sofrida você poderá entrar em contato com a luz de Deus.* E a voz sussurrou: *Lembre-se, Sofia, o menino Deus é a verdadeira luz que ilumina o mundo.* Nisto acordei! Quando abri os olhos, percebi que havia sido um sonho. Fiquei atônita com tudo que vi e ouvi. Fechei o meu escritório. Já era tarde da noite. Saí dirigindo devagar, pensando em cada detalhe do meu sonho. De fato, precisava me alimentar. Fui à procura de um restaurante de requinte, lá estava um, bem à minha frente. Entrei! As luminárias me fazem pensar nas luzes do meu sonho. Fico inquieta. As pessoas estão envoltas com seus pratos preferidos e nem percebem minha inquietação. Sinto uma vontade imensa de falar com alguém, tento entrar em contato pelo celular, mas tudo em vão. Parece que todos dormem. Ao sair do restaurante, procuro dirigir devagar, sem pressa de chegar ao meu apartamento. As ruas estão desertas, alguns carros passam velozmente por mim. Entro na rua em que resido, e de repente deparo-me

com a realidade daquele sonho: Crianças famintas, acompanhadas de seus pais, enfiam suas mãozinhas nos sacos de lixo. Uma delas olha para mim e acena com suas mãozinhas sujas. Uma angústia toma conta do meu ser. Ao olhar para as calçadas vejo papelões espalhados em diferentes lugares servindo de colchonetes para esses usuários. Era a primeira vez que eu percebia a presença real desses indigentes na minha própria rua. Eles sempre estavam lá, eu não os enxergava, não os ouvia. Entrei no meu apartamento. E aquela voz do sonho novamente ressoava fortemente nos meus ouvidos: *“Você se sobrecarrega de tantas coisas e nem sequer percebe o silêncio dos pequeninos? Veja o que sobrou para eles! Este silêncio oriundo dos seus corações é o grito mais alto que se pode ouvir. No silêncio da humanidade sofrida, Sofia, você poderá entrar em contato com a luz de Deus”*. A partir de então, tomei consciência de que a celebração do Natal só acontece quando partilhamos os nossos bens com os pequeninos. Ao pensar dessa forma, sinto uma paz envolvendo todo o meu ser... Já é Natal, vou às ruas celebrar com os pequeninos.

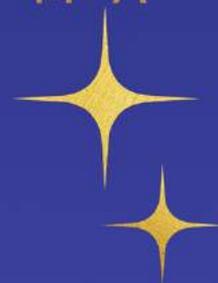




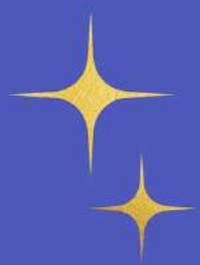
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Natal

Por Meire Marion



Meire Marion, professora de inglês, língua e literatura desde 1982, quando voltou dos Estados Unidos após ter vivido lá por 11 anos. Escritora dos livros infantojuvenis *Charlie the Fish* (2018), *O primo do Charlie* (2018), *O menino que não sabia de onde veio* (2021) *Dois Gatinhos* (2021) e *THINK, FEEL, SMELL, SEE, WANT* (2022). Também participa de diversas antologias com poemas e contos.



Alegria e gratidão se espalham pelo ar,
Unindo corações nessa data singular.

Alguns não gostam de festejar,
Pois, os que partiram não irão participar.

Presentes são trocados, gestos de amor,
Revelando o verdadeiro valor.

O Natal é paz, é união,
É compartilhar o pão e abraçar o coração.

Que nesta época abençoada,
A esperança renasça e guie nossa jornada.

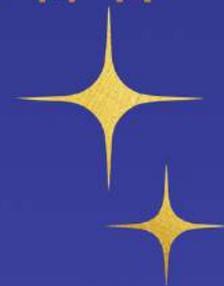




A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Profecia

Por Mirian Menezes de Oliveira



Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições, possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

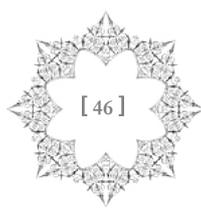


Ação do Espírito Santo!
Verbo e carne: a profecia!
Apontou a estrela-guia
o berço de um homem santo.

José cobriu, com um manto,
o Salvador que nascia,
desprovido de um acalanto,
era a voz de Deus que ouvia.

Menino Deus: forte sina!
O "abstrato" no concreto...
Ao término, Deus assina...

com traçado belo e reto.
Cumpre-se a escrita divina:
"Ser humano" ressurreto.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Natal do menino escravo

Por Raimundo César de Oliveira Mattos

O autor é professor, historiador e escritor. Membro da Academia Valenciana de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras e do Conselho Curador da Fundação Cultural e Filantrópica Léa Pentagna. Possui diversas obras publicadas na área da historiografia e literatura.



No mundo atual não há mais espaço para a escravidão. Entretanto, já houve uma época em que ela fazia parte da vida das pessoas de uma forma tal que todos consideravam normal uma pessoa ser levada ao cativeiro por outras. Nesse mundo, do qual muitos preferem não se lembrar, existia uma fazenda onde morava um menino entre os seus onze e doze anos – a idade ele não sabia direito, porque sendo filho de escravos, não tinha qualquer registro. Tal menino, apesar de até brincar com os filhos de seu dono, não conhecia o Natal. E, como não o conhecia, não sentia falta dele, nem entendia muito bem toda aquela agitação na fazenda quando se aproximava o fim do ano. Para ele, era apenas uma época em que tinha mais trabalho a fazer: ajudar o pai a matar mais animais para os jantares, ir com a mãe recolher mais lenha para o fogão e depois ajudar a acender o fogo... Já por três ou quatro anos, desde que ele começou a auxiliar os pais nos serviços domésticos, assim era, até que em um dezembro do qual ele não se lembrava mais quando ocorreu, alguma coisa mudou e sua vida passou por uma grande transformação.

O mês de novembro se encaminhava para o seu fim, dezembro se aproximava e, com ele, o menino já sabia que a correria, o serviço doméstico e a arrumação da casa se tornariam maiores. Em um daqueles dias chuvosos, típicos da época, em que não se podia sair de casa para nada, ele se acomodou no corredor que dava acesso à grande sala da casa e aos demais aposentos. Ali, escondido, começou a escutar a conversa dos donos, apesar de sua mãe haver dito várias vezes que ele não deveria fazer isso. Afinal, que culpa tinha ele, naquele momento, se não podia ir para o terreiro por causa da chuva e se nem o chamavam para ajudar em algum serviço; pensou ele. Com as pernas esticadas, olhando pela janela fechada, onde as grossas gotas d'água insistiam bater e escorrer, ele escutou as reclamações usuais, de que se o aguaceiro não diminuísse iria comprometer a colheita, estragar a estrada de terra que há pouco tinha sido consertada. Nada, enfim, que não tivesse ouvido antes em ocasiões como aquela. Até que...

Em um momento da conversa, ele ouviu qualquer coisa como “se essa chuva não diminuir, vai impedir a vinda das crianças para as festas de Natal”. As crianças eram os filhos do barão que estudavam na capital e voltavam no fim do ano para passar as férias com a família. Mas festas de Natal... Ele não entendeu bem o que pudessem ser. Sabia que tudo ficava alvoroçado no fim de ano, que seu serviço aumentava, que as crianças iam com os pais para uma tal Missa do Galo, mas ainda não havia ouvido aquela palavra que despertou a sua atenção: Natal. E festas de Natal. Festa, ele compreendia que teria, mas

não imaginava a razão disso. Agora escutava o nome da tal festa. Entendeu, porém, que era algo muito importante, pois os patrões estavam preocupados com o fato de as chuvas virem a estragar a vinda das crianças para a ocasião.

Sem se preocupar com a bronca que, certamente, iria receber da mãe por ter ficado bisbilhotando a conversa dos outros, saiu dali sorrateiramente e foi direto para a cozinha indagar dela qual o significado daquela palavra desconhecida para ele, mas que havia deixado em sua imaginação infantil uma ideia muito acesa de ser algo que tinha o poder de mudar a rotina da casa, mesmo a dos escravos, ainda que isso representasse aumento de serviço.

Sem se preocupar com o que a mãe iria dizer, e ela realmente não gostou da história do filho, ainda que sempre obediente às suas orientações, ter ficado escutando a conversa dos outros, principalmente a dos patrões, ele foi logo perguntando o que era aquela tal festa de Natal que movimentava tanto a vida das pessoas. A mãe, talvez por não ter gostado de ter sido interrompida nos muitos afazeres que ainda tinha pela frente por causa “de uma bobagem que não dizia respeito à vida dos escravos”, talvez por se ver, pela primeira vez, contrariada por uma desobediência do filho, talvez por não saber a resposta sobre o que era inquirida, foi logo expulsando o menino da cozinha, mandando que ele procurasse o pai que deveria estar precisando da sua ajuda e poderia explicar essa conversa melhor.

O menino saiu correndo e, como seria de se imaginar, foi à procura do pai que estava justamente chegando do galinheiro, encharcado pela chuva, com uma cesta de ovos para o almoço. Nem é necessário dizer qual o resultado da pressa do menino em busca do pai, tão afoito ele estava ao sair da cozinha: acertou em cheio o pobre homem que, aturdido, deixou cair a cesta e quase foi ao chão. “Que correria era aquela?” quis logo saber, pensando que estava a acontecer algo grave. Mas o menino, nervoso com a situação, acabou perdendo a coragem de fazer qualquer pergunta ao pai. Ele mesmo se apropriou da cesta e voltou ao galinheiro em busca de mais ovos que, para sorte sua, ainda pôde encontrar em quantidade suficiente.

O pai notou que o menino voltou de cabeça baixa do galinheiro, também encharcado, apesar de a chuva ter diminuído. Nos dias seguintes, viu que o filho continuava triste, pelos cantos da casa. Chamou várias vezes para ajudá-lo e, apesar de ter sido atendido, constatou que o filho não guardava mais o ânimo anterior em realizar as

tarefas. Ao contrário, andava cabisbaixo, como se remoesse alguma coisa. Não suportando mais ver o filho assim – apesar de ser um homem duro, habituado com a rigidez de sua situação de escravo, ele tinha um bom coração – chamou o filho para uma conversa.

A princípio o menino disse que não tinha nada, que estava apenas pensativo. Mas tanto o pai insistiu que ele, finalmente, tomou coragem – ainda estava preocupado com o esbarrão e os ovos quebrados, além de ter medo do castigo por ter ouvido a conversa alheia – e relatou ao pai o que tinha escutado. Este, mesmo sem saber também direito o significado daquela festa dos patrões, e não ter se preocupado até aquele momento em entender do que se tratava, viu que o filho merecia uma resposta. Mas, espere aí... Ele acabou se lembrando de que, uma vez, quando criança, talvez na mesma idade do filho, ter passado por situação semelhante e também procurado o conhecimento que o menino agora buscava. Infelizmente, porém, não havia conseguido uma resposta. Assim, falou claramente para o pequeno que crianças como ele não deveriam ficar sem uma resposta, como uma vez ele próprio havia ficado. Porém, não sabia como alcançar a solução para tal problema até que se lembrou de uma coisa.

Por aqueles dias chegaria à fazenda, para uma visita, o velho padre vindo da vila. Duas vezes por ano, pelo menos, a casa se abria para recepcionar o idoso sacerdote: no fim do ano e entre março e abril, quando a família celebrava uma outra festa. Ele se lembrou de que era o responsável pela limpeza e arrumação do quarto reservado para o religioso e que já estava de posse da chave para, no dia seguinte, começar a sua tarefa. Explicou ao filho que não havia pessoa mais indicada para esclarecer o significado do Natal do que o padre que estava para chegar até o fim da semana, dependendo das chuvas e da situação da estrada. Ele não sabia bem a razão disso. Mas, como a tal festa envolvia missa festiva, o padre ,certamente, poderia explicar o que o filho tanto ansiava por saber. Os olhinhos do menino brilharam ao ouvir isso. Finalmente, então, iria saber por que todos se agitavam para uma festa que não fosse o aniversário de alguém da casa. Agradeceu ao pai e foi correndo olhar o horizonte, a verificar se havia sinal de que a chuva iria, pelo menos, diminuir, liberando a estrada de acesso à fazenda. Muito a contragosto viu nuvens ainda carregadas, que teimaram em se desfazer em chuvas até o meio da semana. Na sexta-feira, porém, ao acordar, viu uma claridade que andava meio sumida, mas que ele conhecia bem o que era. Saltou do pobre leito onde dormia e viu que, sim, o sol, finalmente, aparecera. O pai, que passou a acompanhá-lo todos os dias a verificar a

evolução das chuvas, encontrou-o mais feliz do que o usual e foi logo dizendo que, “se o sol permanecesse assim até o domingo, o senhor padre haveria de chegar”. Pediu ao filho, porém, que tão logo tivesse uma explicação, fosse contá-la, pois nele havia renascido uma dúvida que surgira há tantos anos.

Chegou o tão sonhado domingo! Mas, até por volta das 11 horas, nem sinal do padre. O menino estava desde cedo na porteira da fazenda, esperando, até que sua mãe, perdendo a paciência, correu a buscá-lo para o almoço. Mesmo contrariado, ele seguiu a mãe. Porém mal tocou na comida. Sentindo-se talvez um pouco culpada pela situação, a boa mulher quis saber do filho o que estava acontecendo e, uma vez mais, ele relatou o motivo de sua preocupação. Ela agora, menos atarefada, compreendeu a necessidade de o filho ter uma resposta e o encorajou, dizendo que, muito certamente, “o senhor padre estava atrasado por causa da situação da estrada de terra e porque deveria ter que celebrar missa na vila antes de partir para a fazenda, mas que chegaria, sem dúvida, se não no dia, pelo menos durante a semana”. O menino que não estava mais aguentando a espera; longe de ficar esperançoso com isso, ficou ainda mais aflito, por ver adiada a tão sonhada resposta que buscava. Nesse momento, o sino da fazenda soou e seu pequeno coração bateu mais forte. Seria o padre que chegava? Sim, era o próprio. O menino precisou ser contido pela mãe para não sair em louca disparada, correndo o risco de derrubar o ancião que chegava em sua batina surrada, montado em uma mula. “Espere mais um pouco”, disse ela. “Os patrões devem recepcionar o padre primeiro e trazê-lo para almoçar. Mais tarde você o procura”. Cada vez mais aflito, mas ainda assim obediente, o menino ouviu sua mãe e esperou, esperou, até o cair da noite.

“Será se os meus patrões não terminam nunca essas conversas com o padre?”, pensava ele. Até que, pouco antes de o sol se pôr, o idoso sacerdote finalmente saiu para a varanda da casa onde acomodou-se em uma rede com um velho livro nas mãos. Temeroso, mas confiante na bondade que emanava daquele homem, foi se acercando dele que, embora de olhos fechados, parecendo absorto em algo profundamente importante, percebeu que alguém se aproximava e, erguendo a voz, perguntou quem era e se queria se confessar. O menino que também não sabia o que era essa história de confessar-se, foi se aproximando com receio de importunar mais uma pessoa com uma questão que, talvez, não tivesse mesmo importância. O religioso, ao ver diante de si aquele menino escravo, franzino, mas com aparência de quem queria saber alguma coisa, chamou-o para junto de si, dizendo que ele não deveria temer e falar o que atormentava o

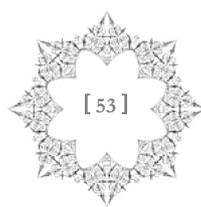
seu pequeno coração. Encorajado por essas palavras, o menino foi logo perguntando, atropelando as frases, deixando o sacerdote meio atordoado. “Fale mais devagar, meu filho, para que eu possa compreender”. Menos agitado, o pequeno contou--lhe tudo. Como havia ficado no corredor, como ouvira a conversa dos patrões (mesmo sabendo que era errado), como escutara a palavra que o deixara tão ansioso e curioso, sem saber bem por quê. “Realmente”, disse o velho padre, “você não deveria ficar pelos cantos ouvindo a conversa dos outros. Mas vejo que não foi por mal e você sabe que é errado”. E, respirando longamente, começou a explicar ao menino aquilo que ele tanto queria saber.

Uma vez, há muitos anos, os homens viviam perdidos, andando sem rumo, como se estivessem em meio a uma noite terrível e sem fim. Viviam como se só eles existissem, como se o destino humano fosse viver e morrer, acabando-se. Mas alguns afirmavam que isso tudo iria mudar quando Deus enviasse um Salvador. “Quem era Deus?”, indagou o menino. O padre continuou explicando. “Você vê o sol que desaparece no horizonte todos os dias? Você pode olhar diretamente para ele? Não. A luz machuca os olhos. De onde ele veio? De uma luz maior ainda, que os homens não estavam, e continuam sem estar habituados a contemplar. Essa luz veio morar com os homens, feito homem ela também. Abandonou a sua condição de senhor e criador e abraçou a condição de criatura e escravo. Fez-se um como você. Isso para que os homens fossem livres de verdade”. O menino ficou admirado que alguém tão poderoso deixasse tudo para se tornar escravo e quis saber a razão. “Por amor a cada um de nós”, continuou o padre, “por amor a mim e a você, aos seus senhores, aos seus pais, independente da condição que vivemos, livres ou escravos”. E continuou explicando que Deus, não se importando com as ideias dos homens sobre cor, situação social, riquezas e outras coisas, andou pela terra entre os humildes como o Salvador esperado. “Mas como esse Deus veio fazer os homens todos serem livres se ele e os pais e tantos outros continuavam escravos...”, pensava o menino. “Um dia”, continuou o padre, “isso tudo ainda vai mudar, essa história de senhores e escravos irá acabar e todos serão como Deus quer que sejamos, irmãos. Esse é o significado dessa festa tão importante que, infelizmente, muitos ainda não compreenderam. Deus nasceu como um de nós, para que nos lembrássemos que somos feitos à sua semelhança, não para sermos escravos, mas para sermos livres”.

O menino não entendeu totalmente as palavras do velho sacerdote. Entretanto, compreendeu que havia alguém a se importar com ele, naquele lugar ao qual muitos chamavam de céu, e este não era aquele azul que ele via todos os dias ao

despertar. Cumprindo o prometido, depois de agradecer ao padre, foi relatar ao pai o que ouvira. Este, como era de se esperar, também não entendeu muito bem, mas sentiu que alguma coisa despertava em seu coração. Alguma coisa que, desde menino, estava adormecida: se esse Deus realmente se importava com eles, pobres escravos, não eram algemas, correntes e castigos que os iriam prender. Um dia, eles iriam ser livres no corpo, uma vez que, no coração e no espírito, já o eram. Abraçado ao filho como não fazia há tempos, entendeu que o homem não tem poder de escravizar outro homem, que todos nascem livres e assim devem permanecer, ainda\ que chamem a outros de senhores. A esperança levou-os, pai e filho e, mais tarde, a mãe, a compreenderem que o Natal era a festa da esperança em algo que estava para se cumprir. De fato, passados alguns anos, foram chamados à frente da casa grande e informados pelo patrão que havia sido assinada uma lei que os libertava daquela data em diante. Que cada um era dono do seu destino e poderia ir para onde bem quisesse. Os pais do menino, sem saberem ao certo o que fazer, mas contando com a confiança da família, continuaram na fazenda, agora como trabalhadores livres e, mais tarde, receberam um pequeno pedaço de terra onde começaram a plantar para si. O menino, agora já um rapaz, lembrou-se de cada palavra do padre naquele início de noite de um dezembro de anos antes e compreendeu que a sua esperança não havia sido traída.

Passados mais alguns anos, agora já com família própria e filhos, o menino via que, apesar de não ser mais escravo, ainda era tratado por alguns como tal, assim como os filhos. Porém, continuava mantendo viva a esperança de que aquela situação iria mudar, como havia dito o velho padre. Reunido com a família, todos os anos comemorava o Natal, entendendo agora bem o seu significado, que desde cedo havia transmitido aos filhos. E cuidava para que eles entendessem que o Salvador veio para todos, independentemente do que pensassem os homens. Manteve, até o fim dos seus dias, um coração de menino que, ouvindo pela primeira vez a palavra, teve o seu primeiro Natal de verdade. Mesmo que a libertação não tivesse vindo, ele seria livre, pois sua imaginação de menino o fazia viajar para onde quisesse, nos braços da esperança em um mundo de irmãos.



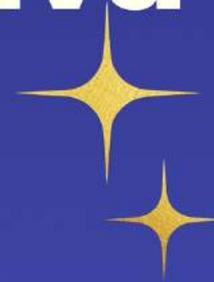


A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Tudo o que importava

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com as revistas LiteraLivre e Obook. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Participou de mais de duzentas e noventa antologias até agora. Contato: rschima@bol.com.br



Embora fosse verão no hemisfério austral, a tarde estava demasiado fria. Talvez fosse fruto das alterações climáticas tão alertadas pelos cientistas e tão solenemente ignoradas por interesses políticos e econômicos. Ou, quem sabe, fosse apenas um lembrete da mãe natureza sobre a época em que se encontravam e o clima que, assim, evocava.

Natal.

O mundo mudara nos últimos decênios e não fora para melhor. Uma grande crise se afigurava como um monstro gigante análogo ao dos filmes japoneses, pronto a devorar as cidades, os países, o mundo.

Porém, como um antigo disco riscado, os enfeites continuavam os mesmos, assim como as cantigas, as luzes e as árvores de natal. Afinal, o comércio precisava faturar naquele que era o principal feriado do ano.

Presentes, presentes, comprem presentes!

Aceitamos dinheiro, cartão de crédito, PIX e o diabo a quatro.

Jingle bell, jingle bell, acabou o papel. Não faz mal, não faz mal, limpa com jornal...

Josué era o seu nome e fora criado no seio de uma família religiosa, contudo, conforme dissera sua mãe, desapontada, era um "desviado". Cedo deixara de acreditar em Deus, ou, pelo menos, via-O com um olhar cínico e questionador. Afinal, como poderia deixar de crer se discutia tanto com Ele, xingava-o até.

Como podia um Deus misericordioso deixar livre o assassino daquela atriz, enquanto a mãe desta carregaria para sempre o sofrimento da irreparável perda? Como podia o ditador daquela nação manter seu povo na ignorância, na miséria, na fome e sob uma mortalha de medo, enquanto vivia confortavelmente e engordava feito um peru para a ceia de fim de ano? Como podia o órgão máximo do judiciário ocultar o processo de um famoso político corrupto até as acusações prescreverem? Por que as boas pessoas pereciam, enquanto as más prosperavam?

Se não havia um Deus, estava mais do que explicado.

Se existia, o livre arbítrio e um cruzar de braços seriam a explicação?

Passou em frente a uma loja onde, entre os enfeites natalinos, destacava-se a figura de Jesus Cristo. Interrompeu a caminhada. Fitou-O nos olhos.

— Há quanto tempo...

O Natal era antes de tudo a celebração de Seu nascimento, não os presentes, as árvores enfeitadas, as ceias fartas ou os papais noéis de barba de algodão. A imagem trazia um semblante plácido, a aura azulada por luzes de neon, os braços erguidos em um convite mudo. Era como se quisesse abraçar toda a humanidade, protegê-la. De quê?

— De si própria — murmurou.

Pensou no mundo em que vivia, nas injustiças sociais, na onda crescente de crimes, na forma complacente como a legislação tratava os bandidos em geral e os políticos corruptos em particular, na intolerância entre as pessoas, na crescente ignorância e estupidez do povo não obstante a enormidade de informações pela Internet, nos falsos pastores a enfiar goela abaixo suas próprias palavras na boca de Deus e a enriquecer a custa da boa-fé do seu gado, no baixo nível daquilo que alguns intitulavam "música" e nas matérias propagadas pelas tais "mídias sociais". Mais além, veio-lhe à mente as notícias do mundo afora: os conflitos internos nos países e entre diferentes países na África, na Europa e na Ásia, o terrorismo, a pandemia — proposital ou não —, o narcotráfico nas Américas, a ameaça de um conflito global movido por pessoas sequiosas de poder e carentes de coração, tão grandiosas em suas pretensões quanto curtas em suas visões. Tornou a observar a figura de Cristo, ainda serena.

— Deve estar tremendamente desapontado conosco. Deve Se perguntar de que valeu Seu sacrifício a fim de redimir os pecados da humanidade. Chego a concluir — perdoe-me a heresia — que Deus cometeu um erro ao nos trazer da lama, pois lama é o que temos no lugar da alma. Não valem a pena. E se o Senhor estivesse novamente entre nós, provavelmente seria morto da mesma forma, só que, desta vez, por gente dita cristã.

Quase pôde ouvir a falecida mãe a orar antes das refeições e a pedir perdão pela rebeldia do filho.

A má sorte de Josué no decorrer da vida tampouco contribuíra para a melhoria de suas opiniões. Solteirão, pobre, desempregado, a um passo da mendicância, percorria desolado as ruas da cidade atrás de emprego. Não era um homem mau. Apenas cético e pessimista. Se não era santo, ao menos lutava pela vida, ao contrário de uns e outros que, não obstante as dificuldades, permaneciam inertes, esperando ventar ou encostados em alguém feito um sanguessuga. As pessoas colhiam aquilo que plantavam. Porém, havia aqueles que nada plantavam e, ainda por cima, pulavam a cerca a fim de roubar a colheita do vizinho. Josué não era assim. Só dera azar. Não nascera com o traseiro voltado para a

lua. Não vira seus esforços vingarem conforme julgava merecer. Até chegara a se indagar se não seria castigo de Deus. Fosse ou não, de que adiantava brigar?

De dentro da loja, ouvia-se uma música de natal.

A atenção de Josué foi, então, atraída para um cartaz. Dizia: "Precisa-se de Papai Noel".

Seus olhos se arregalaram. Será que conseguiria a vaga? Mirou seu reflexo em trajes puídos. Um candidato nada apresentável. O roncar de seu estômago, contudo, insistiu. E ele foi tentar a sorte, por assim dizer.

E não foi que a sorte, enfim, sorriu-lhe? Embora não fosse idoso e tampouco obeso, foi admitido. Talvez pudesse ser chamado de milagre, mas Josué não acreditava em tal coisa. Tratava-se de um serviço temporário, um bico, mas era melhor que nada. O que importava era o agora, afinal, o amanhã a Deus pertencia.

Entreteve, pois, as crianças. Diante daqueles olhares miúdos, sorrisos, alegrias e, principalmente, as demonstrações de carinho para com ele — ou melhor, para aquilo que representava —, meio que deixou de lado os seus infortúnios e a autopiedade. Invariavelmente, as crianças pediam os mais variados brinquedos: bolas, bonecas, bicicletas, jogos, carrinhos. As mais modernas e exigentes queriam *smartphones* ou *videogames*. A tudo, Josué — ou melhor, Papai Noel — dava uma resposta dúbia:

— Veremos... Veremos... Vou examinar sua ficha para ver se foi uma boa criança.

Não desejava dar-lhes falsas esperanças e, tampouco, retirar as que traziam dentro de si.

Foi quando surgiu uma menina de tez morena e vivacidade no olhar.

Papai Noel repetiu a ladainha:

— O que você deseja no Natal?

Para sua surpresa, a criança respondeu:

— Qui o sinhô seja feliz.

— Como sabe se sou ou não feliz?

— O sinhô tá sorrindo, mais os zóio tá triste.

O sorriso se congelou por trás da barba de algodão. Para que a criança não visse os olhos marejarem, abraçou ela forte, tentando ocultar o rosto por entre os cabelos da menina. Sussurrou-lhe ao ouvido:

— Como você se chama?

— Melissa.

— Também espero que seja muito feliz, Melissa.

— Eu sô, Papai Noel — disse ela sem arrogância ou vaidade, mas com a simplicidade de um anjo. — Eu sô.

— Então, espero que ganhe muitos presentes.

— Num priciso.

Encarou-a.

A fisionomia dela era tão serena quanto, quanto... a figura de Jesus na vitrine.

— Nesse caso, por que veio até mim?

— Pra abraçá o sinhô e falá feliz natal.

Comovido, Josué tornou a abraçar a criança. Foi quando se deu conta de amar aquele trabalho.

— Feliz natal para você também, Melissa.

Pôs-se a observar a menina partir e dar a mão para quem devia ser o pai: um senhor de vestes simples e aspecto distinto. Misturaram-se rapidamente à multidão.

O Natal veio e se foi, e, com ele, a necessidade de um Papai Noel. Ao final do bico, Josué se viu novamente desempregado e diante da dura realidade. Recebeu o pagamento. Foi ao vestiário retirar o uniforme vermelho, porém, o dono da loja falou:

— Pode ficar. Até o próximo final de ano, as traças terão dado cabo dele.

Caminhou solitário e melancólico pelas ruas desertas e frias, sob um céu nebuloso. Queria conservar a sensação boa que tivera com as crianças o máximo possível. Mas não pensar no amanhã era tão difícil quanto deixar de pensar.

Foi quando, de repente, escutou:

— Papai Noel!

Era Melissa.

Abraçou-a.

Logo atrás dela, surgiu o pai. Trocaram cumprimentos. Conversa vai, conversa vem, o cavalheiro soube da situação do outro. Pensou, avaliou e disse:

— Sou dono daquela fábrica de brinquedos — apontou. — Gostaria de trabalhar para mim? Terá que lidar com muitas crianças.

O homem vestido de Papai Noel não acreditou. As lágrimas que relutara em revelar, agora percorreram suas faces. Aceitou a oferta.

— Eba! — gritou a garotinha. — Vô contá pras meninas qui papai trabaia cum Papai Noel!

Josué aguardou ela se acalmar e falou cheio de ternura:

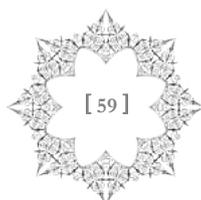
— Quem foi o Papai Noel de quem?

No final das contas, foi uma época mágica em um mundo carente de magia.

Um milagre aconteceu, por mais que Josué viesse a contestar, mas, naquele ponto, ele não mais o faria. Sua alma se apaziguou. O desvio reencontrou seu rumo.

Para além daquele nicho de luz, a humanidade prosseguiu com suas infindáveis mazelas, crueldades e ausência de Deus no coração. Entretanto, ao menos ali, por enquanto, sob o vento e o frio, prevaleceu um momento de esperança, de paz, de calor e de felicidade.

E, por ora, era tudo o que importava.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Luz de Natal

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no 1º Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Aquela senhora com quatro filhos menores para criar, sozinha, não tinha esperanças para naquele Natal que estava a chegar, ter condições de comprar os presentes para os mesmos.

Há mais de ano que trabalhava incansavelmente para lhes colocar comida na mesa, providenciar roupa mínima para os vestir — costuradas por ela mesma —, roupas que passavam dos maiores para os menores, assim que cresciam, como só os necessários sapatos (de escola), pois no dia a dia, fizesse sol ou chuva, fosse inverno ou verão, o calçado era uma mera sandália de dedos.

Além disso, ela tinha que providenciar os demais materiais e necessidades para se conseguir ir adiante numa vida muito difícil: luz elétrica, água, gás de cozinha e remédios quando extremamente necessários.

A comida era em geral um carboidrato (normalmente o arroz) e uma raiz barata.

Proteína animal não estava no cardápio diariamente. E quando chegava, era a mais barata ou itens que os açougues desprezavam por falta de procura, como carnes e tendões rapados dos ossos, rins e raramente, fígados.

O leite ficava também fora do cardápio assim que a criança menor atingia os seus dois anos de idade – e que havia sido só para a criança menor.

Frutas sazonais vinham dos quintais dos vizinhos ou parentes.

Frutas raras ou caras, nem pensar!

Quando uma das crianças ficava doente, a mãe para tentar amenizar a situação comprava uma única maçã e dava uma metade para o filho acamado e a outra metade era dividida em três partes, uma para cada um dos outros filhos.

Pois bem, todos os cinco tinham a imagem nítida na sua cabeça, sem escolhas ou reclamações, só tristezas, de que naquele ano, presente de Natal seria algo impossível a se conseguir.

A cerca de duas semanas antes do referido feriado, a filha menor, brincando defronte da casa, achou um anel no chão e o trouxe à mãe.

Era um belo anel dourado com uma pedra polida e de cor, no centro.

Se não fosse de fantasia, deveria ter algum valor.

Mas a mãe, consciente de que alguém o perdera, esperou alguns dias para ver se aquele alguém o reclamava.

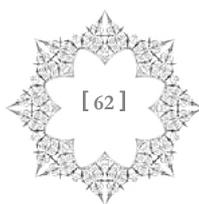
Perguntou aos parentes e vizinhos próximos... e nada.

A poucos dias do Natal, a mãe foi a uma joalheria fazer uma avaliação do anel.

Para sua alegria, apesar do anel não ser uma joia rara nem muito valiosa, valia o suficiente para suprir as suas dificuldades naquele Natal.

E no dia 24 de Dezembro, à noitinha, depois de terminados os afazeres domésticos, ela acompanhada do filho mais velho, foi comprar os tão sonhados presentes de Natal: para o filho mais velho, um belo jogo de damas, de madeira envernizada e com uma gaveta para guardar as peças; para a filha mais velha, uma caixa com utensílios de bordados, desde o bastidor e carimbos até linhas coloridas e agulhas; para o filho menor, um vistoso caminhãozinho de madeira com rodas de borracha; para a filha menor, a tão desejada e há anos esperada, boneca.

Foi um Natal de luz e muita alegria!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Boas Festas!

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no 1º Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

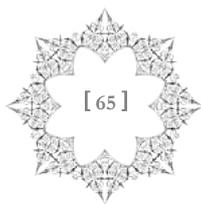
Lembranças puxadas pela época:
Árvore de natal de galho
de goiabeira ou jabuticabeira
gentilmente por um vizinho,
obsequiada... E pela falta de neve
com algodão, coberta... e com as
restantes bolas dos passados anos,
decorada... Brinquedos
disfarçadamente comprados
pela mamãe, na véspera - e nós,
crianças, à espera do Papai Noel,
fazendo de conta estarmos dormindo...
E no dia seguinte, com os amigos,
apresentados e divididos
todos os brinquedos.

Do ano o dia mais esperado... nas casas
nas ruas e nas igrejas, celebrado.

Nestes tempos, tudo ressurgue...
Para todos desejos
de felicidade e saúde...
Paz e alegria coletivas...
Planos e projetos com pedidos
de bênçãos... E a esperança
de um benevolente alvorecer
a cintilar os caminhos.
Só coisas boas, rogadas:...
Alimento para a fome, saciar...
Agasalhos para de quaisquer
intempéries, se proteger...
E o direito a uma vida mais justa...

e de amor, bordada!

Vamos fazer novas lembranças
com votos de todos para todos...
Feliz Natal e um Próspero Ano Novo!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Natal sem brilho

Por Sellma Luanny

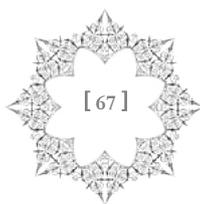
Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no 1º Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Nestes pestilentos três anos
que o mundo, assolaram...
quantos separados queridos
quantos sem festas nem risos.

Chegava o Natal... mas pela
repetição... e tão sem sabor!
E pelo desamparo, tão sem luz!
E na ausência... tão sentido!

De longe, meio-celebrada estação ...
numa época apenas tolerada.
E o Natal antes tão vibrante!
Agora... uma estéril paisagem.

Por esses anos, brilho perdendo...
Aflorando na pele, mágoa e tristeza.
Mas agora... agora... melhores tempos,
suplicados... que venha toda a alegria!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Era uma vez uma estrela

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lusitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no 1º Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Dizem que há muito tempo,
naqueles céus brilhou...
e para onde um bebê ao mundo, chegara
pastores e reis magos, direcionou.

Dizem que de pais humildes
numa singela manjedoura, nasceu.
E a estrela, diferente e especial
para o local do ocorrido, apontou.

Dizem que o bebê com uma missão
ao mundo veio... para salvar, dizem...
Nasceu e jovem morreu... numa
cruz de madeira, pregado e exposto.

Dizem que após enterrado, ressuscitou
e aos céus em glória, ascendeu...
Dizem que legado a discípulos
e seguidores e crentes, deixou.

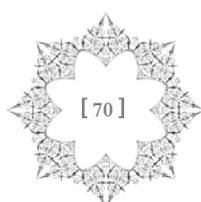
Dizem que quem dos pecados se arrepende
e nele, crê, ele salva... e para o paraíso,
leva... e que ao lado dele e dos anjos
a entoar canções, eternamente feliz será.

Mas os meros mortais e descrentes...
pelo Natal também esperam... pela festa
colorida... com lindas músicas e corais
infantis, regada... e muita luz e felicidade!

Época de confraternização dos amigos
e familiares... de muita comida gostosa

e desejados presentes... mas para os que
nada têm... vamos nos apressar...

É tempo de dividir... e receber...
e boas lembranças e felizes emoções
promover... vamos dar as mãos e iluminar...
com amor, paz e muita alegria!



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**